


O QUE É SER HOMEM NO SÉCULO XXI? PERSPECTIVAS CRÍTICAS SOBRE AS MASCULINIDADES

WHAT IS BEING A MAN IN THE 21ST CENTURY? CRITICAL PERSPECTIVES ON MASCULINITIES

¿QUÉ ES SER UN HOMBRE EN EL SIGLO XXI? PERSPECTIVAS CRÍTICAS SOBRE LAS MASCULINIDADES

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-357>

Data de submissão: 30/06/2025

Data de publicação: 30/07/2025

Jurutan Alves da Silva

Doutorando em Ciências Sociais

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

E-mail: jurutan.alves@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade abordar as masculinidades na contemporaneidade e suas respectivas transformações. De maneira análoga aos debates relacionados à feminilidade e ao feminismo, a masculinidade também tem sido objeto de indagações sobre sua função e suas expressões na contemporaneidade. O que é ser homem no século XXI? Realiza-se uma pesquisa bibliográfica a respeito das transformações no conceito de masculinidade entre 1996 e a contemporaneidade. A análise abrange diversas abordagens acerca do tema, incorporando noções como "macho alfa", masculinidade negra e masculinidade tóxica, e provoca uma reflexão sobre as variações e os conflitos que permeiam a formação das identidades masculinas. Para tal, analisam-se as contribuições teóricas de Almeida, 1995, e de Barreto, 2016. Ademais, o artigo estabelece um diálogo com as considerações de Connell (2015), Hooks (2019) e Freyre (2013), que intensificam a análise acerca das dinâmicas de poder e os desafios das masculinidades contemporâneas. Ao final, conclui-se que a masculinidade hegemônica enfrenta uma crise, enquanto novos conceitos estão emergindo para substituí-la. O objetivo deste artigo não consiste em concluir a discussão sobre as masculinidades e suas transformações, mas, ao contrário, visa ampliar essa temática, sublinhando a importância desse domínio de pesquisa para as Ciências Sociais.

Palavras-chave: Masculinidades. Identidade Masculina. Gênero. Poder. Transformações Sociais.

ABSTRACT

This article aims to address masculinity in contemporary society and its respective transformations. Similar to debates related to femininity and feminism, masculinity has also been the subject of questions about its function and expressions in contemporary times. What does it mean to be a man in the 21st century? A bibliographic research is carried out on the transformations in the concept of masculinity between 1996 and the present day. The analysis covers several approaches to the topic, incorporating notions such as "alpha male," black masculinity, and toxic masculinity, and provokes reflection on the variations and conflicts that permeate the formation of male identities. To this end, the theoretical contributions of Almeida, 1995, and Barreto, 2016, are analyzed. In addition, the article establishes a dialogue with the considerations of Connell (2015), Hooks (2019) and Freyre (2013), which intensify the analysis of the dynamics of power and the challenges of contemporary masculinities. In the end, it is concluded that hegemonic masculinity faces a crisis, while new concepts

are emerging to replace it. The objective of this article is not to conclude the discussion on masculinities and their transformations, but rather to broaden this theme, emphasizing the importance of this field of research for the social sciences.

Keywords: Masculinities. Male Identity. Gender. Power. Social Transformations.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo abordar las masculinidades en los tiempos contemporáneos y sus respectivas transformaciones. De manera similar a los debates relacionados con la feminidad y el feminismo, la masculinidad también ha sido objeto de preguntas sobre su función y sus expresiones en los tiempos contemporáneos. ¿Qué es ser un hombre en el siglo XXI? La investigación bibliográfica se realiza sobre las transformaciones en el concepto de masculinidad entre 1996 y la contemporaneidad. El análisis cubre varios enfoques del tema, que incorporan nociones como "Alfa Masculino", masculinidad negra y masculinidad tóxica, y provoca una reflexión sobre variaciones y conflictos que impregnan la formación de identidades masculinas. Con este fin, las contribuciones teóricas de Almeida, 1995 y Barreto, 2016. Además, el artículo establece un diálogo con las consideraciones de Connell (2015), Hooks (2019) y Freyre (2013), que intensifica el análisis de la dinámica del poder y los desafíos de las masculinidades contemporáneas. Al final, se concluye que la masculinidad hegemónica enfrenta una crisis, mientras que están surgiendo nuevos conceptos para reemplazarlo. El propósito de este artículo no es concluir la discusión sobre las masculinidades y sus transformaciones, sino que, por el contrario, tiene como objetivo ampliar este tema, lo que subraya la importancia de este dominio de investigación para las ciencias sociales.

Palabras clave: Masculinidades. Identidad Masculina. Género. Fuerza. Transformaciones Sociales.

1 INTRODUÇÃO

1.1 MASCULINIDADES NO SÉCULO XXI: UM PONTO DE PARTIDA PARA A ANÁLISE

Atualmente, a discussão acerca da masculinidade tem gerado intensos debates entre os indivíduos: afinal, quais são os critérios que definem ser homem nos tempos contemporâneos? Pessoas que buscam relacionamentos amorosos em sites de encontros se deparam com expressões como “procuro um homem provedor”, “desejo um homem sem 'mimimi””, “almejo encontrar alguém com a terapia em dia”, entre outras afirmativas. Ao realizar uma investigação no Facebook, verifica-se que expressões dessa natureza são frequentes, e tais denominações refletem o padrão ideal de masculinidade almejado nesses contextos.

Todavia, que ser masculino é esse que uma parcela da população procura? Este artigo tem como objetivo destacar essa questão por meio de pesquisas bibliográficas e do entendimento dos autores Almeida (1995), Barreto (2016), Connell (2016), Hooks (2019) e Freyre (2013). Serão abordadas as maneiras como o conceito de masculinidade hegemônica exhibe alterações ao longo do tempo e em decorrência do regime econômico. A busca por uma identidade masculina na contemporaneidade representa uma realidade que tem sido revelada à sociedade. Constata-se, na contemporaneidade, uma metamorfose no comportamento masculino, que busca adequar-se às novas realidades em ascensão.

Qual é a definição de masculinidade no século XXI? Por meio da indagação proposta, a investigação se propõe a analisar a evolução do conceito de masculinidade ao longo do tempo, revelando novas perspectivas para a compreensão do comportamento masculino na atualidade. Serão traçadas abordagens de "masculinidade" no contexto profissional, levando em consideração situações de encontros entre indivíduos do sexo masculino heterossexuais em relatos nos quais ocorrem vínculos íntimos entre os participantes. Não se pode tratar da essência do ser humano sem levar em conta a questão racial, a qual impacta o comportamento de gênero; por essa razão, foi destinado uma seção específica à temática. A construção da imagem masculina em distintos períodos é fruto da pesquisa realizada.

Para isso, na primeira parte, será relatado o modo como a identidade masculina se configura ao longo do tempo. O conceito de masculinidade hegemônica é empregado para possibilitar uma comparação entre as distintas formas de masculinidade. Em seguida, é demonstrado de que maneira o comportamento masculino tem experimentado transformações ao longo do tempo e em decorrência da conjuntura econômica global. Finalmente, é executada uma investigação acerca da formação da masculinidade negra nos Estados Unidos e no Brasil. Embora o processo de escravização tenha

ocorrido em ambos os países, existem circunstâncias distintas que influenciam a construção da masculinidade negra nessas duas regiões.

A justificativa para a utilização desses autores reside nas investigações empreendidas, especialmente no caso de Gilberto Freyre, cujo histórico o posiciona como um autor que, a partir da década de 1930, inicia um debate que camufla o racismo presente no país. Sua obra é empregada no processo de embranquecimento da população nacional, em decorrência da construção que ele realiza a respeito da indústria da reprodução sexual, vista como um instrumento de colonização do indígena e do negro no Brasil.

Connel (2016) expõe a relevância da adolescência na constituição da heteroidentidade, enquanto Almeida (1995) apresenta sua pesquisa, que elucidativamente analisa a formação da identidade masculina em relação às transformações econômicas que ocorreram em uma aldeia de Portugal. Barreto (2016) caracteriza as interações entre homens como ações masculinas e, por sua vez, Hooks (2019) analisa a influência da variável raça na construção da masculinidade nos Estados Unidos, permitindo, assim, estabelecer uma conexão com o processo que ocorre no Brasil. Na seção inicial do texto, será abordada a construção da identidade masculina.

2 MENINAS VESTEM ROSA E MENINOS VESTEM AZUL

O ano de 2019 marcava o início do governo de extrema direita de Jair Messias Bolsonaro no Brasil. Durante uma reunião que contava com o fundo da bandeira de Israel, a ministra do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, senhora Damare Alves, pronunciou uma frase em seu discurso que ressoou naquele instante e orientaria suas ações na gestão de sua pasta: “meninas vestem rosa e meninos vestem azul”. Mais do que meras palavras isoladas, esta expressão estabelece o comportamento esperado para cada indivíduo em seu contexto social. Compete às mulheres realizar uma determinada forma de ação, enquanto aos homens cabe outra distinta. Entretanto, quem constrói essas condutas? De que origem provêm as ações que configuram a maneira de ser de cada indivíduo desde o nascimento?

Conforme Connel (2016), a homossexualidade é resultado de um processo de aprendizado. Assim, pode-se concluir que a condição de ser homem decorre de interações entre indivíduos que socializaram e assimilaram esse processo. Dessa forma, ser do sexo masculino implica em assimilar comportamentos, léxicos, gestos e diversas formas de ações aceitas dentro do grupo de interação homossexual, sendo também necessário obter validação deste grupo. De acordo com a autora, as masculinidades são elaboradas ao longo do tempo, sendo que a adolescência desempenha um papel crucial na formação dessa identidade. Meninos e meninas extraem da estrutura social os tipos de

linguagens e comportamentos que são considerados aceitáveis, assim como outros que o grupo social julga apropriados naquele contexto.

Almeida, em 1995, ao investigar as masculinidades hegemônicas, delineia uma trajetória que pode auxiliar na compreensão de todo o processo exposto por Connell. Os dois escritores citam diversas masculinidades. Almeida realiza uma pesquisa sobre uma aldeia situada no sul de Portugal, chamada Pardais, durante o intervalo entre os anos de 1990 e 1991. O pequeno povoado enfrentou transição laboral em decorrência das transformações econômicas que impactaram a área, anteriormente caracterizada pela presença de latifúndios com uma escassa classe de proprietários ausentes (que não residem no local), além de um grupo intermediário de arrendatários e trabalhadores agrícolas assalariados sem terras, passando então a se dedicar à extração de mármore. A divisão de funções entre os gêneros é, na verdade, o que possibilita o reconhecimento das atribuições de cada agente dentro de seu espaço de atuação.

Para que se possa discutir masculinidades, o autor recorreu ao conceito de masculinidade hegemônica, que se descreve como um ideal a ser seguido e que é, por natureza, inatingível, impondo, entretanto, um controle sobre a dinâmica entre homens e mulheres. Ele constitui um componente fundamental de uma estrutura de gênero. Conforme sua análise, as mudanças que possam ocorrer na masculinidade representarão a formação de uma nova hegemonia, a qual poderá culminar na extinção da categoria de gênero.

Através de uma métrica relativa à masculinidade estabelecida, tornou-se viável a realização de comparações entre as masculinidades presentes em Pardais. Para isso, o pesquisador se inseriu em um grupo de homens em processo de sociabilidade. Para ele, nas dinâmicas de poder, as categorias masculino e feminino configuram noções assimétricas. Existe uma hierarquia que classifica os comportamentos do mais masculino ao menos masculino, e todas as atitudes são monitoradas, vulneráveis, auto monitoradas e sujeitas a disputas. O patriarcado é concebido como uma estrutura de gênero particular na qual a masculinidade dominante estabelece a subordinação tanto do feminino quanto das masculinidades marginalizadas.

No povoado, o comportamento masculino frequentemente se inicia com a atividade de extração de mármore a partir dos 13 anos, acompanhada do abandono escolar na terceira ou quarta série, e, sem a formação profissional, adquire-se a habilidade por meio da prática. Comumente, inicia-se a carreira como ajudante de cabouqueiro e, ao contrair matrimônio, ascende à posição de cabouqueiro. As qualidades físicas e morais promovem a ascensão na hierarquia profissional. Na aldeia, não existe indústria voltada à transformação do mármore, o que gera uma dependência de

outras localidades para que esse processo ocorra, além de vincular o trabalho a uma economia global em função da exportação.

De forma distinta, as mulheres atuam como donas de casa ou como operárias sazonais em cultivos de vinhedos e eucaliptos, além de constituírem a maioria entre os desempregados e os pensionistas. O casamento é o momento em que elas adquirem um certo poder, que é direcionado à administração do lar, ao esposo e aos filhos. Os cônjuges desempenham funções específicas: a mulher atua como uma reserva sexual para o homem, enquanto este possui a habilidade de gerar renda. No papel de mães, as mulheres preservam vínculos com suas filhas mesmo após estas se casarem, enquanto os filhos enfrentam a pressão para se distanciar do ambiente familiar.

Enquanto o espaço da residência é considerado o domínio feminino, o café representa o espaço de convívio masculino. Neste local, as ações coercitivas acontecem de forma habitual; assim, todos os comportamentos são monitorados. Não pertence a este âmbito comportamentos que sejam considerados afeminados. As emoções são vistas como características associadas ao universo feminino, enquanto a racionalidade é atribuída ao gênero masculino. A poesia é o campo em que a emoção masculina pode emergir sem suscitar qualquer questionamento acerca do que significa ser homem. As duas investigações apresentadas delineiam claramente os domínios masculino e feminino, assim como suas respectivas áreas de atuação. Ser homem consiste em não tolerar qualquer interferência que sugira fragilidade, debilidade ou demonstrações de emoção. Essas particularidades são levadas em conta no processo de reprodução das mulheres. Ser homem implica ser racional, solucionar questões financeiras, pois é ele quem detém o acesso ao capital e aos modos de adquiri-lo. Para isso, o indivíduo é preparado para procurar os recursos de sobrevivência desde a infância, motivo pelo qual deixa a escola com essa orientação em mente.

Na próxima seção, será abordado como ocorrem transformações na postura masculina, entretanto, sem a intenção de sugerir que essas se assemelhem às feminilidades. Na verdade, menino veste azul, enquanto a menina veste rosa.

3 A METAMORFOSE MASCULINA

Victor Hugo de Souza Barreto é um antropólogo cujas investigações, iniciadas em 2013, concentram-se em festas de orgia sexual voltadas para o público masculino. Durante a organização do espaço de estudos para uma tese de doutorado, em Niterói, no estado do Rio de Janeiro, ele encontrou um anúncio que convidava para uma festa de orgias sexuais, com a especificação de que era destinada exclusivamente a homens. Indo à localidade informada, onde, na entrada, um segurança o acolhe e se encarrega de abrir a porta. Tratava-se de uma casa de cinco andares que abrigava uma

boate onde ocorriam festas com práticas sexuais em grupo, destinadas exclusivamente ao público masculino. De acordo com o autor, o evento acontecia bimensalmente no local.

O resultado da pesquisa de Victor Hugo de Souza Barreto, em 2016, consiste em uma tese etnográfica acerca da “prática do sexo grupal/coletivo entre homens em encontros ou eventos de orgia.” O autor relata que as cerimônias nesses ambientes são destinadas a homens viris com corpos musculosos. O autor afirma que a concepção de masculinidade presente no ambiente é influenciada por dois princípios: o da reserva e o da promiscuidade.

A imagem idealizada de homens para integrar os encontros inclui características como masculinidade, discrição, ousadia e atratividade. Não se pode apresentar comportamentos afeminados. São aceitos também os bissexuais e alguns "heterossexuais". A celebração destina-se a encontros sexuais entre homens; por conseguinte, não são bem-vindas manifestações afetivas como gritos ou outros comportamentos desse tipo.

Durante essas celebrações, os homens que estão passando pela penetração não devem manifestar expressões de dor ou adotar gestos considerados efeminados. A masculinidade consiste em manter a ereção, independentemente do tamanho do pênis. Neste contexto sexual, permanecem comportamentos masculinos, como observar uma partida de futebol, jogar sinuca, consumir bebidas alcoólicas, fumar e discutir temas considerados masculinos.

Nesses eventos, a coragem se manifesta na interação sexual entre homens. Essa característica é imprescindível para a realização do ato. Ser homem nesses contextos implica em não apresentar características afeminadas, tampouco ser homossexual. Trata-se de um ambiente destinado exclusivamente aos homens.

3.1 FANTASIAS SEXUAIS

Para que as fantasias sexuais emergirem, são promovidos momentos que as estimulem, como apresentações de gogo boys, performances sexuais em palcos e outras formas de expressividade. Existem quartos destinados para a realização de momentos íntimos, e cada evento pode ter uma duração máxima de sete horas.

As fantasias que predominam entre os participantes estão relacionadas ao gênero masculino: herói, homem casado, polícia e bandido, todas sendo estimuladas pela programação do ambiente. Nestes contextos, a característica que define um homem é eliminar qualquer vínculo que se aproxime da representação do que significa ser mulher.

Toda vez que um novo integrante é incorporado aos grupos de WhatsApp, é disponibilizado um quadro explicativo em forma de folder que apresenta a seguinte mensagem: “O homem que

mantém relações com outro homem não precisa: falar de forma afeminada; utilizar saias; usar calcinhas; aplicar batom; movimentar-se de maneira feminina; expor sua orientação sexual; promover bandeiras separatistas; considerar que o mundo é exclusivamente gay; nem supor que o mundo é inteiramente heterossexual; abrir-se indiscriminadamente; desqualificar mulheres; questionar sobre o tamanho do órgão genital do outro por meio de mensagens instantâneas; empregar expressões como 'olááá', 'inhaí', 'deu a Elza', 'mona', 'babado', 'racha'; visitar locais que sejam identificados com bandeiras heteronormativas ou GLS." (Barreto, 62-63).

Neste mesmo espaço, encontra-se um folder que esclarece as opções disponíveis para o homem que estabelece relações sexuais com outro: "manter a voz masculina; conservar seu comportamento típico de homem; preservar suas amizades sem necessitar expor sua vida sexual; manter sua família sem que esta tenha conhecimento sobre suas atividades íntimas; praticar futebol; surfar; utilizar gírias; não ser excessivamente educado conforme exigido; preservar sua individualidade; não nutrir preconceitos em relação às pessoas afetadas por pai e mãe; mesmo que não tenha relações sexuais com mulheres, reconhecer que elas são essenciais e compreender que não é necessário imitá-las para conquistar outro homem." (Barreto, 63).

3.2 A ESTRUTURA DA MASCULINIDADE

O perfil dos participantes dessas celebrações está mais relacionado ao tipo de homem que cada indivíduo busca aspectos como: aparência física, questões étnicas ou condições econômicas. O primeiro cenário consiste em evitar a impressão de fragilidade. Nesse contexto, a condição de ser homem implica em não se assemelhar à representação do feminino. Existe uma hierarquia na qual os homens que participam das festividades devem se identificar como heterossexuais. Conforme Victor Hugo de Souza Barreto (2016), essa estrutura reflete uma perspectiva de heteronormatividade previamente estabelecida na sociedade.

Para alcançar esse público, são executadas ações que visam restringir a participação de indivíduos indesejados entre os grupos. Um desses métodos é o valor de ingresso. Esse é um critério de seleção para prevenir a aparição de indivíduos menos favorecidos. Dessa forma, a segmentação por classe é observada não apenas pelo preço dos ingressos, mas também pelas fragrâncias utilizadas pelas pessoas, pelos tipos de acessórios que portam e pela atenção dispensada aos comportamentos.

Demonstram, adicionalmente, que o lugar não é frequentado por pessoas de bom caráter a idade e a condição física dos indivíduos. Corpos com excesso de peso não são amplamente aceitos. As imagens indicam que os demais podem, em algum momento, assemelhar-se e devem ser evitados. Em relação à idade, sua relevância pode ser relativizada com base nos cuidados dedicados

ao corpo. Aqueles que, mesmo em idade avançada, apresentam uma aparência de masculinidade, com musculatura bem definida e não utilizam vestimentas consideradas femininas, são bem-vindos nos grupos.

A temática relacionada à raça é mais uma que pode ser identificada nesses contextos. Existem pessoas que não apreciam interações com indivíduos de pele negra, mesmo que estabeleçam relações sexuais com esses. Neste caso, a beleza possui cor. Quanto mais claros e loiros, mais atraente. Assim sendo, existe uma hierarquização da masculinidade que abrange aspectos econômicos, etários e raciais.

A alteração no comportamento dos homens não é percebida somente por Barreto, em 2016. De acordo com investigações efetuadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em suas amostras designadas como Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) em 2025, constata-se que 51,7% dos lares no Brasil são liderados por mulheres; esse dado, em 2010, correspondia a 38,7% dos lares. No que diz respeito à educação, o censo indica que a proporção de mulheres com 25 anos ou mais e com nível superior alcançou 20,7%, enquanto entre os homens da mesma faixa etária, essa porcentagem foi de 15,8%. Os indivíduos do sexo masculino continuam a desertar da escola em um número superior em comparação às do sexo feminino; entretanto, em um mercado de trabalho cada vez mais especializado e que requer níveis de formação mais elevados, as mulheres apresentam-se mais preparadas para as profissões especializadas.

O que é exposto neste texto é que ocorre uma significativa transformação no comportamento masculino, a qual transcende a questão de quem arca com os custos durante momentos de lazer. O homem hegemônico, identificado como macho alfa, encontra-se em processo de transformação, adaptando-se às novas realidades que a contemporaneidade impõe. Dessa forma, o homem com uma imagem intimidante e autoritária está enfrentando dificuldades neste novo período histórico. Possivelmente, por essa razão, algumas mulheres relatam que a busca por tais figuras em ambientes de socialização está cada vez mais escassa. A imagem que se manifestará ainda permanece incerta; entretanto, a ocorrência da metamorfose é indubitável. Conforme a biologia, o estágio de metamorfose na natureza é repleto de dor e incertezas; essa mesma situação se verifica no contexto social dos seres humanos.

4 A COR DO MACHO

É inviável discutir masculinidades sem abordar a questão racial que sustenta toda a estrutura. É imperativo reconhecer que a masculinidade negra apresenta características específicas que precisam ser levadas em conta no que diz respeito à construção da identidade. Na seção anterior, foram

abordados os cuidados dispensados a homens negros durante encontros de orgias masculinas. Esse tipo de comportamento não é típico apenas nesses ambientes, mas também em outros que serão mencionados ao longo do texto. Serão analisados autores que desenvolveram pesquisas na área, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Existem circunstâncias semelhantes em decorrência do processo de escravização; entretanto, há também especificidades que precisam ser destacadas.

Conforme Hooks (2019), que analisou esse contexto nos Estados Unidos, a construção da masculinidade não pôde ser compartilhada entre os indivíduos em razão do processo de escravidão que se deu na nação. Várias pessoas escravizadas não compartilhavam o mesmo idioma, o que complicava as trocas de informações e conhecimentos entre elas, além de, em numerosas situações, obstaculizar a formação de uma identidade coletiva. Dessa forma, a concepção de masculinidade foi imposta pelo colonizador, mas não foi prontamente aceita pelos indivíduos submetidos à escravidão.

A concepção de masculinidade foi estabelecida por homens brancos, resultando em uma fratura entre as pessoas negras na formação desse conceito: formou-se um grupo que concordou e se posicionou em favor dos homens brancos. Entretanto, um outro grupo não estava de acordo. A imagem inicial que se apresenta do homem negro, que predominava no início do comércio escravocrata, era a de um indivíduo preguiçoso e desocupado. Indivíduo com pouca afinidade ao labor. As representações nos séculos XIX e início do XX retratavam indivíduos que consumiam bebidas em excesso e se dedicavam exclusivamente à diversão.

Um segmento dos escravizados internalizava as concepções de masculinidade oriundas dos indivíduos brancos, intensificava-se a amargura decorrente da obstrução ao seu acesso ao ideal patriarcal. Com o término do período escravocrata, inicia-se o embate em torno da construção das identidades entre os gêneros masculino e feminino. Eles constataram que era inviável continuar abraçando as mesmas concepções de seus opressores, uma vez que estes ainda aspiravam à manutenção da exploração, mesmo após a extinção do período de servidão. Na economia capitalista, o poder de geração de riqueza que um indivíduo possui torna evidente sua capacidade de controlar o ambiente familiar. Dessa forma, ocorre uma mudança do conceito de poder para o falocentrismo, isto é, aquele que possui um pênis. A mobilização em direção a uma masculinidade falocêntrica possibilita, inclusive, que indivíduos em situação de desemprego exerçam sua função de homem.

Ocorreram represálias por parte do patriarcado branco: a masculinidade negra foi considerada rebelde, ao mesmo tempo em que era venerada e punida, sendo romantizada e tratada como vilã. Ao homem negro incumbiu-se o desafio de não se deixar rotular pelo patriarcalismo branco; todavia, sempre se comportou como um dominador nas interações com os demais indivíduos. Embora não

haja concordância com os preceitos da masculinidade branca, nunca ocorreu uma insurreição por parte dos homens negros.

No Brasil, verificam-se particularidades e inovações no processo de acumulação gerado pela indústria escravocrata. Freyre, em 2013, aponta que Portugal utiliza a reprodução como um mecanismo para incrementar a quantidade de indivíduos masculinos sujeitos à exploração. Na Casagrande, o patriarcado é estabelecido, e o relacionamento sexual era empregado como uma estratégia política e econômica visando à ampliação de sua produção: indivíduos escravizados. Essas medidas resultaram em efeitos que acentuam a disparidade entre indivíduos brancos e negros. De acordo com o autor, a animosidade entre mulheres brancas e negras deu origem, na Europa, à representação do loiro como uma figura angelical e do negro como um ser impuro, pecador e decadente. A união carnal entre homens brancos e mulheres negras era considerada tão comum que originou a expressão "mulher loira para casar, mulata para fuder e preta para trabalhar" (Freyre, 2013, 72). A denominada mulher mulata resultava da combinação entre o homem branco e a mulher negra. No processo de exploração nacional, foram empregadas a distribuição de terras e a figura feminina como instrumentos econômicos. Esse último era um recurso destinado ao trabalho e utilizado para ampliar a família ou a produção do senhor de engenho: os escravos. Um outro efeito dessa junção foi o incremento da sífilis entre os indivíduos. Mortes e mutilações entre homens e mulheres, negros e brancos, em decorrência da doença, eram frequentes.

Uma prática contínua nas Casas-grandes consistia em o filho branco do proprietário do engenho ganhar um escravo da mesma idade ou mais jovem como brinquedo, a fim de que pudesse divertir, maltratar e agredir. Era o objeto que recebia suas frustrações. Esse garoto afrodescendente crescia enfrentando sofrimento, sendo submetido a violência física e sexual. Era habitual que o garoto de pele branca estabelecesse relações sexuais com seu escravo de estimação.

A circunstância mencionada por Freyre (2013) acarreta implicações significativas na formação da masculinidade do homem negro no Brasil. Não foi concedida a este a possibilidade de estabelecer laços familiares. De acordo com informações fornecidas pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil), no período compreendido entre 1º de janeiro de 2016 e 1º de julho de 2025, foram realizados no Brasil 25.721.906 registros, dos quais 1.416.791 correspondem a crianças registradas por pais ausentes. Conforme informações do IBGE, entre 2012 e 2022, a predominância de mães solas no Brasil é de mulheres negras, representando 90% das progenitoras.

Ao examinar outra consequência das políticas de reprodução sexual implementadas pelos colonizadores no país, observamos também a problemática da solidão vivenciada pela mulher negra.

O homem negro compreendeu que a mulher branca é a pessoa mais bela, perspicaz e aquela que facilita a interação social. Dessa forma, ao alcançar uma posição social elevada, busca essas pessoas para que estejam ao seu lado. O homem branco, por sua vez, considera a mulher negra como uma parceira sexual satisfatória, porém não a vê como adequada para o papel de esposa. O fator que contribui para o aumento da quantidade de mulheres negras sem companheiros está relacionado à ausência de parcerias estáveis. No contexto de relacionamentos inter-raciais, ambos os indivíduos tendem a considerar que a pessoa de pele branca é mais compreensiva, pois não vivenciou as agruras resultantes da colonização. Conforme a Revista Raça, a proporção de casamentos interraciais no Brasil era de 8% em 1960, aumentando para 31% em 2010. Conforme a reportagem, em 2010, as mulheres negras representavam 7% daquelas que nunca se casaram ou conviveram com um parceiro, percentual superior ao das mulheres consideradas brancas.

A crença na nação livre de racismo também resulta da produção dessa indústria sexual que se estabeleceu no país. A obra de Gilberto Freyre, Casa- Grande & Senzala, é objeto dessa crítica. Por detrás da violência sexual experimentada pelos indivíduos escravizados — que não tinham a possibilidade de expressar suas angústias — encontrava-se a satisfação dos colonizadores, assim como a perpetuação de um sistema mercantil que concentrava a riqueza nas mãos de uma minoria branca, preparando o país para adentrar no emergente sistema capitalista que se estabelecia na Europa. O período de escravidão no Brasil esteve associado à acumulação de riquezas — notadamente terras e ouro — para os indivíduos brancos. É necessário retomar que a Lei Áurea foi promulgada em 1888, em um período em que a Revolução Industrial estava solidificando o processo capitalista na Europa.

Estamos a pouco mais de 130 anos do término desse período; em termos históricos, pode-se afirmar que está logo ali, à esquina. Esse tempo é insuficiente. A formação da masculinidade negra permanece repleta de complexidades: no Brasil, o homem negro continua a ser estigmatizado como violento e frequentemente é visto como aquele que possui o menor nível educacional. Mesmo com esforços de dedicação, ele raramente ocupa espaços de debate em instituições de ensino superior e outros ambientes significativos. Normalmente, as organizações laborais selecionam indivíduos negros para ocupar as cotas raciais e promover suas estratégias de marketing, apenas. Conforme informações do Atlas da Violência, em 2022, a taxa de homicídios entre homens negros no Brasil alcançou 29,67 a cada cem mil habitantes, enquanto para homens não negros, esse índice foi de 10,82 por cem mil habitantes. Conforme publicado na Revista Esquinas, os dados da Organização Mundial da Saúde de 2019 indicavam que a taxa de suicídio entre jovens negros é 45% superior à registrada entre seus pares brancos.

É neste contexto que o homem negro deve elaborar sua identidade masculina. A indagação que se coloca é: de que maneira é possível construir uma identidade negra do que é ser homem sem associá-la ao patriarcado estabelecido pelo colonizador? Acredito que seja possível apenas em um conjunto de indivíduos que estejam aptos a superar as limitações estabelecidas na formação da visão masculina imposta desde a colonização. O procedimento aqui difere do modelo norte-americano, onde é possível apenas confrontar o patriarcado presente na região.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A definição do que significa ser homem está profundamente interconectada com as dinâmicas presentes no sistema capitalista. Conforme ocorrem mudanças no ambiente profissional, verifica-se também uma alteração no comportamento dos homens. As mulheres – em especial aquelas classificadas como brancas – também se manifestaram em relação a essas mudanças e, enquanto grupo e classe social, demonstraram habilidade para aproveitar as oportunidades e reivindicar um maior espaço no âmbito do poder masculino. Dessa forma, atualmente, essas pessoas estudam e se preparam para ocupar espaços nos ambientes de trabalho e, conseqüentemente, em outras esferas. Ainda existe um longo caminho a ser trilhado, uma vez que a jornada dupla penaliza de maneira ainda mais acentuada as mulheres.

Referente às alterações de comportamento identificadas por Barreto (2016) nas orgias masculinas – nas quais a expressão afetiva para com o outro é inexistente – tal prática não representa uma novidade na história: na Grécia, esse comportamento era usual e socialmente aceito. Possivelmente, trata-se de uma resposta a essas novas circunstâncias que surgem, nas quais a interação com o sexo oposto encontra-se em conflito em virtude das transformações ocorridas e da resistência a este novo tempo, acompanhado de novas exigências.

A condição dos homens negros é mais complexa. Os escravos nunca formaram uma classe, mas sim, em qualquer local onde a escravidão ocorresse, representavam um sistema estamental. Assim, a consolidação da masculinidade tornou-se um processo de construção bastante complexo. Nos Estados Unidos, em virtude das circunstâncias que envolveram o término da escravidão, marcadas por um conflito civil, surgiu uma construção que se opõe ao patriarcalismo. Em contrapartida, no Brasil, frente ao sistema de reprodução utilizado como um meio de ampliação do poder aquisitivo e manutenção da dominação, tal processo não se mostrou suficiente. Entretanto, é imprescindível, em primeiro lugar, unir-se enquanto coletivo e estabelecer-se como uma classe social. Neste país, as adversidades continuam, mesmo para aqueles que buscam ascender socialmente: jamais conseguem se integrar ao grupo detentor do poder.

Na elaboração deste trabalho, optei por investigar como a masculinidade é representada em diferentes contextos sociais contemporâneos. Com esse propósito, realizei um cadastro em uma plataforma de relacionamentos no Facebook, na qual há demandas por homens provedores, sem mimimi, que estejam com a terapia regularizada. Ao examinar a indústria cultural e algumas referências, identifiquei na plataforma de streaming Netflix um seriado intitulado Machos Alfa que descreve sobre o assunto de forma cômica. Para concluir, em um aplicativo voltado à postagem de vídeos em busca de curtidas e reconhecimento, chamado Kwai, há um conteúdo em que uma mulher destaca para seus espectadores o conceito de masculinismo, que se refere à defesa dos direitos masculinos. De acordo com a idealizadora do vídeo, o movimento emergiu em virtude da desconsideração em relação às reivindicações masculinas. Em várias cidades brasileiras, está sendo instituído o Dia dos Legendários, um grupo cristão que tem como objetivo a transformação dos homens, promovendo a recuperação de sua masculinidade. Esses fatos, junto aos descritos no texto, evidenciam que o tema é pertinente e que o conceito de ser homem neste século está em contínua construção.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. Associação Brasileira de Antropologia Panorama da antropologia Portuguesa, Rio de Janeiro, IFCS-UFRJ, 28-30 de junho de 1996.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. Festas de orgias para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina. Orientadora: Dra Ana Claudia Cruz da Silva, 2016, 348 pgs. Tese doutorado em Antropologia – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- CONNELL, Raewyn. Crescer como masculino. In: CONNELL, Raewyn. Gênero em Tempos reais. Nversos, Porto Alegre, 2016.
- FELIZARDO, Beatriz; MIRAS, Raphael; OLIVEIRA, Isabela. “O negro é mais acometido por suicídio, depressão e ansiedade”, afirma psiquiatra. 2024. Esquinas. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/saude/o-negro-e-mais-acometido-com-incidencia-de-suicidio-depressao-e-ansiedade-afirma-psiquiatra/>. Acesso em: 01 jul. 2025.
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. São Paulo, Global, 51ª edição, 7ª reimpressão, 2013.
- HOOKS, Bell. Reconstruindo a masculinidade negra. In: HOOKS, Bell. Olhares negros: Raça e Representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019
- IPEA. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/146> acesso em: 01 de jul. de 2025.
- Kwai <https://kwai-video.com/p/pXqpORCx> acesso em: 13 de jul. de 2025.
- MACHOS Alfa. Produção: Netflix. Netflix, 2022, série em 3 temporadas, Espanha.
- Portal da Transparência. <https://transparencia.registrocivil.org.br/painel-registral/pais-ausentes> acesso em: 01 de jul. de 2025.
- Revista Raça. <https://revistaraca.com.br/dados-sobre-relacoes-inter-raciais/> acesso em: 01 de jul. de 2025.